

I D A G A R N E I R O M A R T I N S

*Trabalho emulpar
a escolha do tema e seu
desenvolvimento prepara os
alunos para a aula de
A. Juliana Severina
Ferreira*

PROFESSOR PROFISSÃO ESTUDANTE:

BUSCA DE COMPREENSÃO DE UMA

EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM

EDUCAÇÃO FÍSICA



IDA CARNEIRO MARTINS

PROFESSOR PROFISSAO ESTUDANTE:

BUSCA DE COMPREENSAO DE UMA

EXPERIENCIA DIDATICA EM

EDUCAÇÃO FISICA

Trabalho apresentado como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Educação Física Escolar, na Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Silvana Venâncio Freire.

CAMPINAS - 1991

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me ensinaram toda a esperança que tenho em lutar e me ajudam até hoje na luta. Sem eles, tudo seria bem mais difícil.

Ao meu marido, grande companheiro e "empreendedor" que torna possível nossos sonhos, todo o meu amor, obrigada pela constante busca de uma vida melhor.

As minhas filhas, que pela suas simples presenças me fazem querer ser sempre uma pessoa melhor, vocês me enchem o coração, para vocês meu mais profundo amor.

As minhas irmãs, que sempre me apoiaram na minha busca profissional, quantas horas se dedicaram às minhas filhas pra que eu pudesse estudar.

Aos meus queridos sobrinhos e sobrinha, com quem iniciei meu caminho nas trilhas da educação, o meu mais terno afeto.

Ao meu grande amigo Victor, sem ele esse trabalho não seria possível, meu agradecimento à sua capacidade de repartir.

Aos meus amigos da Área de Educação Física Infantil, Hernani, Beth e Cuca, que em nossas reuniões acrescentaram muitas sugestões ao trabalho, é muito bom trabalhar com vocês.

A Equipe de Computação, Charles, Rose, Cuca e Lia, com quem me iniciei no "Contrutivismo" e grande incentivadores para a busca da especialização, meu eterno respeito e carinho.

Ao diretor do Colégio Notre Dame de Campinas, Irmão Pedro Ganger Maranto que permitiu esse trabalho, meu muito obrigada.

A equipe de orientação do Colégio Notre Dame, Selma, Stella e Maria Alice, pelo constante apoio e orientação a esse trabalho, obrigada.

Aos professores da equipe de 4a. série, Edgar, Aninha, Daysi, Sueli, Maria Célia e Alina pela ajuda importantíssima na fase de campeonato, obrigada pela força.

Aos meus queridos alunos, estímulo constante para a busca de coisas novas em educação, belos sorrisos em minha mente.

Ao professor João Batista Freire, pelas suas aulas e suas contribuições ao trabalho, como me botou a pensar.

E finalmente à minha orientadora, professora Silvana Venâncio Freire, que soube esperar a minha hora de produzir, obrigada pela sua compreensão e amizade.

SUMARIO

INTRODUÇÃO

I - MINHA TRAJETORIA

1. Por onde andei e como...
2. E a ânsia de busca, cadê?

II - COM O QUE ME IDENTIFIQUEI

1. Respeito, Conflitos e Democracia
2. Outras identificações
 - A. Na abordagem de ensino construtivista
 - B. No sistema de ensino aberto

III - A EDUCAÇÃO FISICA IDEAL, COMO SERIA?

1. Quanto ao planejamento
2. Quanto aos objetivos
3. Quanto aos conteúdos
4. Quanto à metodologia
 - A. Ação do professor
 - B. Avaliação

IV - UMA EDUCAÇÃO FISICA POSSIVEL

1. Estrutura da Experiência
2. Experiência vivida
 - A. Iniciação
 - B. Aperfeiçoamento
 - C. Campeonato
 - D. Avaliação

V - CONCLUSAO

VI - ANEXOS

1. Ficha de observação ao aluno

VII - BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

O que me fez escrever esta monografia?

Ao frequentar o curso de especialização em Educação Física Escolar, pelas aulas dadas e pelos questionamentos feitos por professores e por colegas, comecei a repensar a minha prática. Como eu atuava? Baseada em quê? Surgiu então a necessidade de refleti-la dentro de um referencial teórico com o qual me identificasse. Encontrei, essa identificação no construtivismo de Piaget, nas concepções abertas no ensino da Educação Física de Reiner Hildebrandt e Ralph Lanning.

Escrevi, então, sobre uma experiência realizada em 1987, com Handebol, para as turmas de quarta séries do primeiro grau no Colégio Notre Dame de Campinas, refletindo sobre esta vivência à luz das linhas citadas acima.

O primeiro capítulo denominado "Caminhos Percorridos" possui duas partes. Na primeira "Por onde andei, e como...", faço a retrospectiva da minha história profissional fazendo uma análise da minha formação e atuação e da necessidade que tinha em buscar uma nova prática. Tal necessidade era de corrente de dois aspectos: a passividade apresentada pelos alunos e a dificuldade que possuía em avaliá-los. Falo, também, do surgimento desta experiência e das modificações feitas em relação ao trabalho em anos anteriores. Na segunda parte chamada "E a ânsia de busca, cadê?", falo sobre a perda de interesse pela busca do conhecimento ocorrida na própria escola e, que no trabalho com as quarta séries, isso se modificara para melhor. Falo ainda das razões que determinaram essa mudança positiva.

No capítulo seguinte, o qual chamei de "Com o que me identifiquei", exponho os aspectos com os quais encontrei identificação no construtivismo e no sistema de ensino aberto. Primeiramente, em "Respeito, Conflitos e Democracia", trato dos pressupostos mais importantes para a minha identificação, sendo eles: o respeito que se tem pela capacidade da criança aprender ativamente e a relação positiva que se estabelece em situações de conflito. Em seguida, na segunda parte, chamada "Outras identificações", trato de outros pressupostos também relevantes destas tendências educacionais que eu adotei.

Em "A Educação Física ideal como seria?" defendo a necessidade de favorecer o desenvolvimento da autonomia em nossos alunos. Também, neste capítulo, traço diretrizes de acordo com o construtivismo e o sistema de ensino aberto, quanto ao planejamento, objetivos, conteúdos e metodologia em Educação Física.

No quarto capítulo, chamado "Uma Educação Física possível", falo da experiência propriamente dita. Num primeiro item, "Estrutura da Experiência" relato aspectos estruturais desta experiência e das três fases que a compõem: iniciação, aperfeiçoamento e campeonato. No segundo item, "Experiência vivida" discorro sobre as dificuldades que encontramos para a instalação do processo e defendo as bases do trabalho que são a discussão e deliberação comum e os jogos. Faço, também, uma análise da experiência nas três fases em oito itens: atividade, situação surgida, discussão proposta, resposta das crianças, necessidade surgida, metodologia utilizada, modificação sugerida quanto à metodologia e processos (objetivos cognitivos a serem alcançados).

Na conclusão falo do prazer em ter vivido essa experiência, dos problemas iniciais que foram resolvidos e analiso a evolução de cada item da experiência. Retrato, também, a satisfação que os alunos tiveram em participar da experiência, através do relato de algumas de suas frases escritas na avaliação final.

Após esta breve explicação da monografia espero que sua leitura venha servir de ponto de partida para outros professores repensarem sua prática, porque, feito desta forma, além de ajudar no seu próprio crescimento profissional, pode servir também como sugestão, não receita à prática de outros professores.

1. POR ONDE ANDEI E COMO...

O que me levou a escrever sobre este tema?

Eu me formei em 1979 e, logo no ano seguinte comecei a lecionar em uma escola particular de Campinas como Técnica Desportiva de Atletismo e Voleibol.

Técnica Desportiva, nunca pensei que este "título" me desse tanta confiabilidade e autoridade em relação aos alunos. Alguns anos mais tarde, em 1985, assumi a disciplina de Educação Física Infantil e este quadro em nada se modificou.

Meus alunos aceitavam tudo o que eu propunha numa atitude passiva e de total aceitação, nunca questionavam nada. Em alguns momentos, por experimentação, cheguei a fazer propostas absurdas, nada é claro que lhes trouxessem prejuízo e mesmo assim, não conseguia nenhuma reação por parte deles, tão acostumados estavam à situação de imposição por parte do professor.

Essa passividade me incomodava muito pois eles colocavam em mim toda a responsabilidade pelo o que fazer com seus "corpos". E se eu não tivesse bom senso? E se cometesse absurdos? E se em última instância fosse uma pessoa louca? Como poderiam eles julgar, como poderiam ter eles o mínimo de autonomia e controle sobre o que estava sendo feito, se nunca questionavam, nunca criticavam e pouco participavam verbalmente.

Outra questão que me preocupava era, a avaliação. Havia realmente ocorrido uma aprendizagem? Apresentavam até que bons níveis de performance motora, mas eu nunca tinha certeza se tinham realmente aprendido ou se estavam simplesmente repetindo gestos por mim apresentados, ou seja, se estavam bem adestrados. Afinal, animais também repetem gestos.

Será que realmente poderíamos falar de uma aprendizagem motora? Existe uma aprendizagem que seja só motora?

A meu ver aprendizagem só existe quando há autonomia, quando a pessoa pensa sobre o que faz e sabe porque está fazendo. Ai então o "fazer" passa a ter sentido para ela.

Como poderia avaliar meus alunos se pouco se expressavam verbalmente, se não demonstravam suas linhas de pensamento e tão pouco suas emoções. E com minha postura totalmente diretiva não lhes permitia quase nenhuma atuação social.

Analisando mais profundamente a minha atuação pude perceber que minha atuação como professora reforçava mais ainda os valores da sociedade, ou melhor de uma "organização de poder" que reluta em provocar mudanças, pois o "status quo" em muito lhe favorece.

De certa forma atuava como atuam a Escola e a Educação Física Escolar que sempre reforçaram o sistema social vigente, apesar de em discurso, dizer ser instrumento de transformação.

Pude observar, também, que apesar da minha concepção ser da totalidade do homem, meu desempenho era mecanicista. Ai, também, perdia a oportunidade de trabalhar a socialização pois esta depende de um homem integral: corpo, mente e emoções, trabalhando de forma conjunta.

Quanto a minha formação profissional pude avaliar que tinha sido dentro de uma concepção desportiva totalmente voltada para a valorização da performance e da competição.

Em consequência deste histórico, eu também mantinha uma postura acritica e naturalmente passava esta mesma postura aos meus alunos, até que comecei a refletir sobre ela.

Após esta análise restava-me ir em busca de uma nova prática que viesse mais ao encontro de meus anseios e concepções e que me propiciasse maior satisfação com minha atuação profissional.

Foi em 1987. Lecionava então para as 4^{as} séries, juntamente com o Prof. Victor Van Orschoot. Resolvemos então, realizar um trabalho "diferente" em handebol, que era um dos conteúdos que deveriam ser desenvolvidos na série. Fizemos algumas modificações quanto à forma pela qual o trabalho vinha sendo desenvolvido em anos anteriores.

A primeira delas foi quanto ao prazo; trabalharíamos o conteúdo semestralmente, ao invés de bimestralmente. Acreditávamos que assim teríamos tempo para passar esse conteúdo, permitindo aos alunos maior tranquilidade para a sua assimilação.

A segunda modificação que fizemos foi trabalhar em turmas mistas. No contexto de vida atual não víamos sentido em trabalhar com turmas separadas por sexo. Esse trabalho só veio a melhorar o relacionamento entre eles.

A terceira, e mais importante, foi quanto a participação do professor. Deixamos de ser o centro do processo e passamos a dividir com os alunos essa posição. Discutimos com eles como se organizariam para a aula, como jogar, como separar as equipes, que táticas utilizar, quais deveriam ser as atitudes de cada participante, quais as qualidades que deveriam ter um capitão de equipe, como realizar um campeonato e todos os assuntos que tivessem a ver com o grupo e o que conseguíamos cortar.

Esse trabalho me trouxe muito prazer. Senti que tinha achado o caminho. Essa forma de trabalhar era nova para mim e tinha sido construída tomando por base o nosso bom senso. Senti necessidade então de ir ao encontro de um referencial teórico que embasasse esse trabalho. Precisava voltar a trilhar o caminho da "busca do conhecimento" da "busca do saber".

É sobre este trabalho e a busca de sua fundamentação que quero falar neste relato.

2. E A ANSIA DE BUSCA, CADE?

Desde que tive a minha primeira filha (e que deliciosa aventura esta de ter filhos), uma coisa me instigava. Como poderia uma criança com tanta ansia de conhecimento, chegar à adolescência e, porque não dizer, à fase adulta com tanto desinteresse pela busca do saber?

Num belo texto, "O garoto da minha rua", João Batista Freire escreve "Era, o menino da minha rua, um conhecedor por talento, um verdadeiro buscador" e, mais adiante ainda, "Eu por ali ficava sempre um bom tempo assistindo suas viagens rumo ao desconhecido, aventurando-se cada vez mais buscando e buscando o que não sabia", então me pergunto: - Cadê aquele buscador que existia em cada um de nós? (1)

(1) João Batista FREIRE, O garoto da minha rua, mimeografado

E pensando sobre isto, percebi que algo morria em nós durante este processo. O homem nasce sabendo! Mas nasce sabendo o quê? Ele nasce sabendo a aprender! E continua aprendendo a vida toda, o que muda a meu ver é o interesse que tem em buscar novos conhecimentos, por iniciativa própria e de forma autônoma.

Fude perceber em minha experiência educacional, lecionei do início da pré-escola ao 3^o ano do 2^o grau, que isso também acontecia. Chequei a acompanhar uma mesma turma por quatro anos. De uma forma geral, quanto mais nova a turma, maior era seu interesse em aprender. Interesse que ia diminuindo com o passar dos anos. A escola, ao contrário do que deveria estar fazendo, também matava o interesse pela busca do conhecimento, também matava o instigante "buscador".

Durante as aulas reparava, em alguns momentos, que ao dar explicações aos meus alunos estes mantinham um olhar distante. Tinha a certeza que minhas palavras não os atingiam. Ficava pensando, porque isto acontecia?

Nessa época, ao atuar, não tinha a percepção de que cada criança pensa a sua maneira e o que eu acabava fazendo, era impôr a minha linha de pensar para passar os conteúdos a elas. Percebi então que o desinteresse vinha pela falta de entendimento do que eu estava falando.

Quando começamos o trabalho com as 4^{as} séries notei que alguma coisa, nitidamente mudava com relação a esse aspecto. As crianças participavam das discussões, seus olhos brilhavam mais e seus corpos estavam mais excitados, até mais ativos. De alguma forma tinham deixado a passividade de lado, começavam a demonstrar interesse pelas discussões. O que então tinha causado esta mudança de comportamento?

Três aspectos contribuíram muito para isto. O primeiro era que, ao discutir nossas aulas com as crianças, nossos conteúdos passavam a ter significado para elas. O segundo aspecto era que este tipo de atuação permitia às crianças se expressarem mais livremente através de seus estilos de pensamento, o que as tornava mais competentes na participação, conseqüentemente mais seguras. Outro aspecto fundamental era o "mistério" que envolvia as discussões. Sempre havia algo a ser descoberto por elas, nós as encaminhávas sem contudo dar a resposta pronta.

E assim correu o trabalho. Ao final pude avaliar que ele tinha sido bom, mas muita coisa tinha sido perdida no caminho. Para realizar um trabalho melhor precisava de uma fundamentação teórica que me embasasse; o "bom senso" agora já não me bastava.

Foi na abordagem de ensino cognitivista, que tem como importante protagonista Piaget e no sistema de ensino aberto, proposto por Reiner Hildebrandt e Ralf Laming no seu livro "Concepções abertas no ensino da Educação Física", que encontrei maior identificação (2). Muitos aspectos apresentados por estes autores vieram dar subsídios ao meu trabalho.

(2) Reiner HILDEBRANDT e Ralf LANGING, Concepções abertas no ensino da Educação Física

II - COM O QUE ME IDENTIFIQUEI

1. RESPEITO, CONFLITOS E DEMOCRACIA

Antes de iniciar o trabalho com as 4^{as} séries, como já falei, minha postura como professora era extremamente tradicional, diretiva e autoritária. Julgava-me "detentora do conhecimento", "dona do saber" e como tal tinha grande "responsabilidade" em passar este conhecimento aos meus alunos.

Iludia-me ao pensar que podia ensinar-lhes algo sem que houvesse uma participação deles. Analisando mais profundamente esta situação, percebi que no fundo, eu apresentava uma falta de respeito e de crédito na capacidade de aprender que essas crianças tinham.

Foi então que encontrei a principal identificação com o sistema de ensino aberto: o respeito que se tem pela criança e por sua capacidade de aprender através de experiências em que participe ativamente e que para ela possua significado.

"No entanto é importante que os alunos, desde o primeiro ano escolar, sejam capazes de aprender ativamente, isto é, por atos e descobertas próprias, que disponham de um espectro diferenciado de experiências e valorizações e que com toda dependência da orientação pelos adultos - sejam capazes nas primeiras formas de auto-organização de suas vidas e sua convivência social". (3)

Durante o seu desenvolvimento a criança redescobre e reiventa o mundo e os processos nele ocorridos. Revive o desenvolvimento racional da humanidade e assim desenvolve sua inteligência e no ensino tradicional isto não é levado em conta.

Um aspecto também me chamava atenção na minha experiência educacional, que era o medo das situações em que surgiam conflitos. Medo por parte da direção, dos professores e conseqüentemente, por parte dos alunos. Era como se em educação tudo tivesse que avançar por "caminhos planos". Os conflitos que surgem em situações de aula, geralmente deixam o professor em situação incômoda e poucos sabem aproveitar este momento para avançar com seus conteúdos.

Esse foi então o segundo aspecto com que eu me identifiquei, a relação positiva que se estabelece em situações de conflito. Dentro da tendência progressista o conhecimento é visto como resultado do pensamento a partir dos conflitos cognitivos com os quais o sujeito se depara, assim como a moralidade surge da interação conseguida em situações de conflito social. (4) Passa então, a vivência do conflito, ser parte essencial no desenvolvimento da inteligência e da autonomia da criança.

- (3) R. MESSNER, Planung des Lehrers und Handlungsinteresse der Schüler in offener Unterricht. In: REINER, HILDEBRANDT e RALF LANGING, Concepções abertas no ensino da Educação Física, 20
- (4) Lawrence KOLSBERG e Rochelle MAYER, Desenvolvimento como meta de Educação, 7, Mimeografado

"...não se pode formar personalidades autônomas no domínio moral se por outro lado o indivíduo é submetido a um constrangimento intelectual de tal ordem que tenha de se limitar a aprender por imposição sem descobrir por si mesmo a verdade: se é passivo intelectualmente, não conseguiria ser livre moralmente." (5)

Para o desenvolvimento moral e social da criança, deve ser estabelecido na relação professor-aluno um clima democrático e afetivo, para que não haja o medo ao autoritarismo do professor e sim respeito pela sua autoridade, pela sua experiência.

"... o desenvolvimento social deve caminhar no sentido da democracia, que implica de liberação comum e responsabilidade pelas regras que os indivíduos seguirão".(6)

O que vem a ser democracia então?

De acordo com Mizukami (7), democracia é a tentativa de constante conciliação, sendo que, os mecanismos básicos para que ela ocorra são:

- a deliberação coletiva
- a discussão, que promove a revisão contínua dos compromissos tomados anteriormente.

Segundo a mesma autora, a deliberação coletiva, satisfaz a maioria do grupo evitando interesses egocêntricos que são decorrentes da imaturidade intelectual e afetiva. (8)

Falamos então do conflito visto do ponto de vista cognitivo, afetivo e social. E a nível motor, como se dá? Como já observei anteriormente, não acredito que nenhuma aprendizagem ocorre tendo a participação de somente um aspecto do ser humano. Fica claro que a distinção que se faz é apenas didática pois, "todos os movimentos expressos por uma pessoa estão se construindo, a cada momento, na vida das relações". (9)

Seguindo a mesma linha, na proposta de ensino aberto para a Educação Física, os autores colocam que os conflitos surgidos devem ser tornados transparentes para que as soluções encontradas passem então a fazer parte de novas situações. (10) Sendo desta forma, quando surgirem os conflitos, estes momentos deixam de ser de ansiedade para ser de possibilidades de ampliação e aprofundamento do trabalho.

Foram estes os aspectos do Construtivismo e do ensino aberto com os quais eu mais me identifiquei. Não quero dizer com isso que não haja outros que possuam a mesma importância.

(5) Jean PIAGET, Para onde vai a Educação? In: Maria da Graça N. Mizukami, Ensino: As abordagens do processo, 70

(6) Maria da Graça N. MIZUKAMI, Ensino: as abordagens do processo, 63

(7) Ibid, 63

(8) Ibid, 63

(9) João Batista FREIRE, Uma proposta de Pedagogia do Movimento I, 2, Mimeografado

(10) Reiner HILDEBRANDT e Ralf LANGING, Concepções abertas no ensino da Educação Física, 39

2. OUTRAS IDENTIFICAÇÕES

Por uma preocupação didática apenas, gostaria de separar este capítulo em dois itens, embora no processo de aula em si, eles estejam extremamente relacionados e ocorram simultaneamente.

Falarei então de alguns pressupostos teóricos com os quais também me identifiquei na abordagem construtivista e no sistema de ensino aberto.

A. Na abordagem de ensino construtivista

"De facto, o termo construtivismo refere-se ao processo pelo qual um indivíduo elabora a sua própria inteligência adaptativa e o seu próprio conhecimento." (11)

- Levar o aluno a atingir o mais alto estágio de desenvolvimento.

O principal objetivo educacional do ensino construtivista é levar o aluno a atingir o mais alto estágio de desenvolvimento, alcançar as mais altas funções. (12) Para alcançar o estágio superior ao que está no momento, a criança precisa formar novas estruturas que não possui. Neste aspecto, os esquemas motores têm grande participação, pois é através dele que o indivíduo realiza trocas com o meio, desequilibrando-se e tornando a equilibrar-se progressivamente.

Cada indivíduo portanto, está em um determinado estágio de acordo com o nível de desenvolvimento que alcançou e é, a partir deste estágio que enxerga o mundo e relaciona-se com ele.

- A proposta pedagógica deve estar no nível de desenvolvimento da criança.

Sendo assim, ao se estruturar uma proposta pedagógica, há de se levar em conta o estágio de operatividade motora, verbal e mental em que os alunos se encontram.

"As estruturas mentais ou as estruturas orgânicas que constituem a inteligência não são, para Piaget, nem inatas nem determinadas pelo meio, mas são o produto de uma construção de vida às perturbações do meio e à capacidade do organismo de ser perturbado e de responder a essa perturbação. É através das ações do indivíduo, a partir dos esquemas motores, que se dá a compensação a essas perturbações, ou seja, a troca do organismo com o meio, graças a um processo de adaptação progressivo no sentido de um constante equilíbrio que permita a construção de estruturas específicas para o ato de conhecer." (13)

(11) Constance KAMIL e Rheta DEVRIES, A teoria de Piaget e a educação Pré-Escolar, 33

(12) Lawrence KOLBERG e Rochelle MAYER, Desenvolvimento como meta de educação, 6

(13) L. R. CHIAROTINI, A teoria de Jean Piaget e a educação. In: Maria da Graça N. Mizukami, Ensino: As abordagens do processo, 65

"Uma proposta pedagógica não pode estar nem aquém nem além do nível de desenvolvimento da criança. Uma boa proposta, que facilite este desenvolvimento, é aquela em que a criança vacila diante das dificuldades mas se sente motivada, com seus recursos atuais, a superá-las, garantindo as estruturas necessárias para níveis mais elevados de conhecimento." (14)

- Favorecer o desenvolvimento da auto-estima e do auto-conhecimento

Estando a proposta no nível dos alunos, estes têm oportunidade de executá-las com sucesso, o que favorece o desenvolvimento da coragem, auto-estima e auto-confiança, sentimentos estes muito positivos para o equilíbrio emocional das crianças, o que favorecerá sua atuação em quaisquer situações de sua vida presente e futura.

- Preocupação com o processo e não com o produto

Visto desta forma, o ensino passa a ter preocupação com o processo e não com o produto. Isso muda bastante seu enfoque; não havendo pressão com relação ao desempenho acadêmico e nem um padrão fixo a ser alcançado, o aluno passa a ser um elemento em constante transformação, que evolui adaptando-se, assimilando e acomodando novos conhecimentos.

- Respeito pela individualidade da criança

Novamente aparece o respeito pela individualidade da criança, seu ritmo, seu modo de pensar, de agir e reagir, de descobrir, de inventar e criar, valorizando a forma como ela organiza seu conhecimento, como processa as informações que recebe, facilitando seu movimento para a próxima etapa e contribuindo para o desenvolvimento de comportamentos relativos à tomada de decisão.

- Vivências individuais e coletivas

Aí sim, poderemos falar em alunos que participem ativamente numa sociedade e que sejam capazes de transformá-las.

"O conhecimento humano é essencialmente ativo. Conhecer um objeto é agir sobre ele e transformá-lo, aprendendo os mecanismos desta transformação vinculadas com as ações transformadoras." (15)

Através da vivência dos processos individuais e coletivos a criança passa a perceber que é um elemento importante para a construção coletiva, que faz parte de um grupo e tem responsabilidades dentro dele.

"É como se cada um fosse uma engrenagem de uma máquina, se uma não funcionar, a máquina também não irá funcionar."

(14) João Batista FREIRE, Educação de Corpo Inteiro, 114

(15) Jean PIAGET, A construção do real na criança. In: São Paulo, Secretaria do Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, Educação Física no Ciclo Básico, 14

B. No sistema de ensino aberto

- Tomada de Consciência de ação

Muitas vezes a vivência que a criança tem na escola é de simples receptor de conhecimentos, não pensa sobre o que recebe e age da forma como lhe determinam. Não tem consciência de seus atos, do que sabe, do que não sabe e do que precisa aprender.

"A fluência e a capacidade de ação social dos alunos a que a escola aspira, como um dos seus objetivos mais importantes, só poderão ser alcançados quando os alunos aprenderem a tomar consciência daquilo que fazem na escola, a colocar-se objetivos e organizar sua própria aprendizagem." (16)

O que seria, então, ensino aberto?

Deixar os alunos livres para fazerem o que quiserem, segundo os caminhos que bem entender? Não.

"Atribuir competência de decisão aos alunos sem ensiná-los a usar essa competência não é um ensino aberto." (17)

- Formas democráticas de ação

O que seria, então, trabalhar dentro de um sistema de ensino aberto?

Seria trabalhar de uma forma mais democrática, onde as decisões não ficariam só por conta do professor, sendo repartidas o mais equitativamente possível, através de discussões, promovendo uma relação mais positiva e justa entre professor e aluno. Fica essa idéia bem distante de deixar o aluno "livre" sem interferir no seu processo de aprendizagem.

Temos sempre que ter em vista que somos, todos nós, pessoas com características próprias, diferentes uns dos outros e que merecemos ser respeitados. A meu ver, a única forma disto acontecer é tomando decisões em conjunto. Os alunos chegam a nós com diferentes experiências, idéias, desejos, esperanças e interesses e nós, professores, com nossa experiência, fazendo colocações, transmitindo idéias, podemos orientá-los, ensinar e aprender com eles a usar nossas capacidades para que possamos encaminhar nossas vidas no sentido de sermos felizes.

Atuando de forma não diretiva, respeitando as aspirações de nossos alunos estamos efetivamente contribuindo para o desenvolvimento de sua autonomia e capacidade de tomada de decisão.

Como seria então a educação física baseada na abordagem de ensino contrutivista e em concepções de ensino aberto?

- (16) R. MESSNER, Didaktische Planung and Handlungsfähigkeit der Schüler. In: Reiner HILDEBRANDT e Ralf LANGING, Concepções abertas no ensino da Educação Física, 7
- (17) Reiner HILDEBRANDT e Ralf LANGING, Concepções abertas no ensino da Educação Física, 15

III - E A EDUCAÇÃO FÍSICA IDEAL, COMO SERIA?

"...o ensino da Educação Física é a construção de situações em que se tornam possíveis experiências específicas para a superação de situações de vidas presentes e futuras." (18)

Normalmente, ao terminar o segundo grau, o aluno está capacitado a usar os conhecimentos adquiridos de forma autônoma. Em geral isso não acontece com os conhecimentos adquiridos em Educação Física. Quando este aluno, futuramente desejar praticar alguma atividade física ele recorre à orientação em academias ou pratica sozinho e quase sempre de forma inadequada.

Sempre ouço professores de Educação Física reclamando que outras áreas não nos respeitam, não nos valorizam. A meu ver isso é resultado da nossa própria atuação, pois todos eles já foram nossos alunos e nós não os capacitamos para que pudessem continuar realizando qualquer atividade física tendo conhecimentos suficientes para isso. Não lhes garantimos conhecimentos anatómicos, fisiológicos, biológicos, psicológicos e outros. Esses conhecimentos em geral também são mal trabalhados em nossa graduação, muitas vezes, também, nós os desconhecemos e o que é pior, não vamos em busca deles. Por outras vezes não temos uma experiência corporal razoável, somos "ignorantes" de nosso próprio corpo, conseqüentemente não conseguimos passar para os alunos experiências corporais significativas.

Temos que conduzir os alunos à conquista de conhecimentos em nossas aulas e não sermos vistos como detentores do "know-how" do corpo. Ninguém conhece melhor seu próprio corpo do que nós mesmos. Devemos respeitar as opiniões das crianças, seu conhecimento e sua cultura para trabalharmos e principalmente para ensinar-lhes a trabalhar com seus corpos.

O ensino da Educação Física deve ser compreendido como "...uma organização apoiada sobre a educação e formação que proporcione situações pedagógicas em que o aluno deve aprender a dirigir suas próprias ações, questionar as regras do esporte e de seu âmbito de transmissão, aprender agir autonomamente, a decidir em conjunto e sozinho, aprender a agir comunicativa, cooperativa e criativamente..."(19)"

Então, a Educação Física como seria?...

Para se trabalhar dentro de uma linha construtivista e num sistema de ensino aberto, algumas diretrizes deveriam mostrar o trabalho.

1. Quanto ao Planejamento

O planejamento é de extrema importância para a nossa atuação. Ensino aberto não quer dizer ensino sem diretriz. Sem um planejamento bem feito corremos o risco de estar oferecendo aos nossos alunos somente "novas" experiências e não experiências significativas. Devemos ter a preocupação de estar oferecendo uma educação dentro de um processo evolutivo, sempre buscando o patamar superior, tanto individual como coletivamente. Para termos a certeza se isto está ocorrendo, precisamos sempre avaliar a atividade anterior e replanejar a seguinte, isto nos ajudará a ter clareza do caminho que estamos percorrendo.

(18) Reiner HILDEBRANDT e Ralf LANGING, Concepções abertas no ensino da Educação Física, 6

(19) Ibid, 18

É importante que o planejamento propicie situações que estimulem o aluno a agir, que tenham questionamento a serem resolvidos por eles e que deem oportunidades para realizar suas experiências, ou seja, devem estimular os alunos a agir, refletir e criar, novamente a agir e assim progressivamente. Através da "Reflexão" feita com os alunos, novos rumos serão "criados" que devem ser acrescentados ou reformulados no planejamento e estes novamente orientarão nossas "ações".

2. Quanto aos objetivos

"O principal objetivo da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas, e não simplesmente o que as outras gerações fizeram - homens criativos, inventivos e descobridores." (20)

Para tal objetivo ser alcançado é necessário que se estabeleça entre professor e aluno um clima afetivo, de confiança que permita que a criança se sinta a vontade para tentar experiências por iniciativa própria. Isso favorecerá sua autonomia e coragem para olhar o mundo de diferentes maneiras.

O enfoque de nossos objetivos devem ir mudando paulatinamente do individual para o grupal de forma que a criança passe a perceber e respeitar os sentimentos e direitos dos outros, que compreenda que há diversos pontos de vista sobre a mesma coisa e a importância que cada um tem na construção coletiva.

Uma Educação Física aberta e construtivista deve objetivar o desenvolvimento integral do indivíduo, não só do aspecto físico. Deve visar a participação ativa dos alunos, dando ênfase a descobertas, de forma que compreenda o "porquê" e "para quê" estão realizando tais atividades.

Transformando nossos objetivos em objetivos de ação estaremos favorecendo a participação dos alunos na sua formulação e conseqüentemente permitindo uma maior compreensão destes.

De que forma isso se dá?

O professor estipula seus objetivos no planejamento e leva esses para discussão em aula. Depois de discutidos e deliberados por todos eles se tornam objetivos de ação. São em última instância objetivos comuns entre o professor e os alunos.

3. Quanto aos conteúdos

Uma educação que permita a participação do aluno, que deseje realmente desenvolver uma atitude crítica tem que ter conteúdos que estejam ligados à sua realidade e que por isso possuam significado para ele. Para isso precisamos ter clareza de quais serão e até que ponto a escolha destes pode ser deixada a encargo dos alunos. Isto dependerá do estágio em que estarão os alunos e em que ponto estará nosso trabalho. É claro que não podemos introduzir todas as mudanças de uma vez.

(20) Constance KAMIL e Rheta DEVRIES - A teoria de Piaget e a educação pré-escolar, 101

Será importante, também, que os conteúdos tenham uma correspondência com nossos objetivos, sendo isso necessário para a coerência de nosso trabalho.

Quando tornar-se necessário devem ser modificados, ampliados ou reduzidos. O importante é que sejam interessantes para os alunos e que estejam de acordo com suas necessidades.

Conteúdos bem elaborados são a base de um bom trabalho.

4. Quanto à Metodologia

A meu ver a grande arma do professor está na metodologia que ele utiliza, pois é onde pode usar toda a sua criatividade, toda a sua capacidade de ação. No momento em que aplica sua metodologia, aplica junto sua ideologia, seus ideais e suas crenças.

Não há mais espaço, dentro destas novas linhas para as maçantes sequências pedagógicas e para os movimentos padronizados. Abre-se espaço para os movimentos construídos pelo indivíduo através de suas experiências, um movimento complexo, biológico, psicológico e social.

Um aspecto importante a ser respeitado na metodologia são os diferentes níveis de maturação e habilidades em que se encontram os alunos, assim como os diferentes interesses que possuem. Uma boa metodologia deve propiciar oportunidades iguais a todos favorecendo o desenvolvimento pessoal e social.

A descentralização da figura do professor, os alunos como participantes ativos no processo, a reflexão, os questionamentos sobre as normas e procedimentos devem ser as diretrizes mais dinâmicas a serem utilizadas em aula.

"Reduzindo o seu poder, apresentando sua opinião como uma no meio de outras possíveis, e encorajando a criança a escolher e a decidir por si própria, dá-lhe a possibilidade de construir as suas próprias convicções morais." (21)

No ambiente escolar, deve haver momentos em que as crianças possam escolher e decidir. Mesmo quando for necessário sancionar a criança, isto deve ser feito sempre deixando um espaço para a sua escolha.

Um clima de discussão deve ser estabelecido, pois em situações que as opiniões são confrontadas e na busca de soluções para este impasse é que se dá o desenvolvimento intelectual, moral e a superação de seu egocentrismo.

"A interação social decorrente do trabalho em grupo, assim como o fato dos indivíduos atuarem nos grupos, compartilhando idéias, informações, responsabilidades, decisões, são imprescindíveis ao desenvolvimento operatório do ser humano. Os demais membros do grupo funcionam como uma forma de controle lógico do pensamento individual." (22)

Dentro da metodologia, três procedimentos quero salientar:

- a. Ação do professor
- b. Ação do aluno
- c. Avaliação

(21) Constance KAMIL e Rheta DEVRIES - A teoria de Piaget Pré-escolar, 71

(22) Maria da Graça N. NIZUKAMI - Ensino: As abordagens do processo, 79

a. Ação do professor

O professor deve, antes de tudo, ser democrático e guiar-se por princípios éticos e psicológicos, apresentando estes aos alunos. Cria situações que provoquem conflitos cognitivos, levantando desafios, orientando os alunos e estimulando o auto-controle e a autonomia, trabalhando a independência sem oferecer situações prontas.

Ser democrático indica permitir a atuação das crianças, nem o conhecimento, nem a moralidade, nem a cooperação ou qualquer outra coisa se adquire pela autoridade, modelos ou informações que o professor possa apresentar, mas sim pela reciprocidade nas relações tanto de professor-aluno como a de aluno-aluno.

"Como orientador e facilitador da aprendizagem deverá ser o mediador entre o aluno e o conhecimento, não se limitando apenas à atividade mas à projeção e interpretação das situações ajudando o aluno a entendê-las. (23) Nas divergências entre as crianças o professor deverá usar sua experiência para ajudá-las a resolvê-las.

b. Ação do aluno

Normalmente quando julgamos nossos alunos, aqueles mais "obedientes" são considerados mais adequados e aqueles mais "indisciplinados", inadequados. Essa avaliação geralmente é errônea.

"...a criança obediente é por vezes um espírito submetido a um conformismo exterior, mas que não apercebe "de fato" nem do alcance real das regras às quais obedece, nem da possibilidade de adaptá-las ou de construir novas regras em circunstâncias diferentes." (24)

Num trabalho que segue a linha construtivista o aluno passa a ser o centro da aprendizagem e o construtor do seu saber. Deve buscar participar das atividades tentando superar as suas dificuldades e entendendo o significado e utilidade do que faz.

Compreendendo seu processo, compreenderá o do grupo, passando a respeitar seus companheiros e partindo em busca de objetivos que lhes sejam comuns. (25)

c. Avaliação

Nesse processo, a avaliação não deverá ocorrer somente ao final, e sim continuamente. Deverá ser feita pelo professor, como também pelos alunos, durante a aula em meio à discussões e reflexões, como na hora de replanejar. Essa noção de continuidade deverá ser entendida pelo aluno para que possa perceber o curso que está seguindo.

(23) SÃO PAULO, Secretaria do Estado da Educação, Coordenadoria de Normas Pedagógicas, Educação Física no Ciclo Básico, 17

(24) Jean PIAGET, Para onde vai a educação. In: Ma. da Graça MIZUKAMI, Ensino: Abordagens do processo, 72

(25) SÃO PAULO, Secretaria do Estado da Educação, Coordenadoria de Normas Pedagógicas, Educação Física no Ciclo Básico, 18

A avaliação deverá apresentar dois momentos: o coletivo onde caberá a utilização de temas e tarefas como meios auxiliares para promover a discussão e reflexão que trarão subsídios ao grupo e o individual, onde o aluno deverá realizar uma auto-avaliação.

O professor é elemento importante no processo de auto-avaliação. Ele deverá fornecer informações que a favoreçam. Comparando o desempenho atual com o desempenho anterior, estabelecendo a relação entre eles, dando conhecimento do "porque" ocorreram modificações, terá o aluno boas condições de avaliar-se.

É importante que sejam definidos critérios com os alunos para orientar a avaliação de acordo com a assimilação e aplicação dos conteúdos e situações de relacionamento social.

São essas algumas diretrizes que servirão de base para um trabalho construtivista e no sistema de ensino aberto. Aspectos importantes a serem respeitados, linha mestra para nos servir de guia.

IV - UMA EDUCAÇÃO FÍSICA POSSÍVEL

1. ESTRUTURA DA EXPERIÊNCIA

Esta experiência se deu em 1987, no Colégio Notre Dame de Campinas, um colégio particular com turmas das 4^{as} séries do primeiro grau. Foi realizada com quatro turmas, duas no período da manhã e duas no período da tarde, coordenadas por dois professores e em turmas mistas. Tínhamos duas aulas por semana de quarenta e cinco minutos cada. Possui três fases:

- A. Iniciação (Março e Abril)
- B. Aperfeiçoamento (Maio, Junho e Julho)
- C. Campeonato (Setembro e Outubro)

No planejamento não tivemos a preocupação de repartir o número de aulas para cada fase, cada turma seguiu seu ritmo próprio e todas acabaram chegando a um ponto comum ou bem próximo.

2. EXPERIÊNCIA VIVIDA

Ao relatar esta experiência quero deixar claro que aqui não trago nenhuma receita, a cada professor cabe o direcionamento do seu trabalho; são reflexões que podem ser usadas como sugestões.

Por uma questão didática, esta experiência é apresentada de forma linear. Num processo como esse, isso nem sempre acontece, é dialético, às vezes até caótico. Do trabalho com as quatro turmas, elegi o essencial para contar, de forma que este trabalho fosse enriquecido.

Iniciando a proposta com as 4^{as} séries, eu e o professor Victor tivemos a clareza de aceitar o meio institucional e começar a mudança a partir das aulas que eram nosso campo de atuação, onde tínhamos "poder" para realizar modificações. Hoje, algumas propostas foram incorporadas para outras séries e até mesmo por outros professores, por exemplo, aulas em turmas mistas.

Fica claro, também, que nem sempre os alunos reagiram de forma positiva, em alguns momentos chegaram a ser mesmos resistentes, tão acostumados estavam à estrutura tradicional das aulas, que fortaleciam muito a sua passividade. Relato o lado bom que, sem dúvida, foi sempre o lado mais pesado da balança.

Um cuidado que tivemos que ter foi com relação ao tempo que a organização, a discussão e o processo utilizavam. Quando os alunos escolhem suas equipes, discutem critérios, buscam soluções, as aulas são mais dinâmicas e até mais indisciplinadas do que quando tudo isso é feito pelo professor. Quando as discussões estavam se prolongando muito, interrompíamos e, em momentos adequados, propunhamos que se completasse em outra aula para que pudéssemos realizar algumas atividades. Não podemos nos esquecer que nosso conteúdo maior é o movimento.

Um aspecto muito importante para mim nesta experiência, foi que a moral do grupo e as regras de convivência foram determinadas, dinamicamente, de acordo com a necessidade das crianças e, sendo determinadas por elas, raramente houve transgressão e, quando ocorreu, de pronto o grupo observava e levantava a discussão.

"Toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras." (26)

Além das discussões e deliberações em grupo, a base do trabalho contou também com os jogos pela motivação que lhe é intrínseca. O conteúdo principal foi o Handebol, jogo de regras, mas todo o tipo de jogos foi utilizado. No aquecimento, para desenvolver técnica ou tática, para desenvolver atenção, capacidade de decisão e em todo momento que fosse adequado. O relato deste ficará para uma próxima etapa.

Sendo o jogo "...um conjunto de atividades às quais o organismo se entrega, principalmente pelo prazer da própria atividade" (27) e tendo "...uma função biológica no sentido que todos os órgãos, todas as capacidades têm necessidade de ser exercitados para que não se atrofiem", (28) o seu uso está justificado.

A. Iniciação

Nessa fase o aspecto mais desenvolvido foi a organização do grupo. Desde formas de organização ao chegar na aula, ao discutir, até a necessária organização para poder jogar.

Por vezes parece que as crianças respondiam o óbvio. Fica claro para mim que era a forma como estavam pensando e como organizavam seu pensamento.

Dividi a análise dessa experiência em oito itens:

- a. Atividade
- b. Situação surgida - a partir da atividade
- c. Discussão proposta - por parte dos professores (DP)
- d. Resposta das Crianças - a partir da discussão (RC)
- d. Necessidade surgida - por parte dos alunos (NS)
- e. Metodologia utilizada -
- f. Modificação sugerida quanto à metodologia - para que a proposta se aproxime mais ainda da linha construtivista e do sistema de ensino aberto.
- g. Processos - objetivos construtivistas e alcançados

ATIVIDADE 1:

Apresentação do Conteúdo a ser trabalhado

DP: O que é necessário para jogar Handebol?

RC: Bola, Quadra com "Gol" e Times

NS: Em uma das turmas não houve necessidade do "Gol", oferecemos então só a quadra, sem o "Gol", até que se dessem conta.

(26) Jean PIAGET, O julgamento moral na criança, 11

(27) Constance KAMII e Rheta DEVRIES - A teoria de Piaget e a educação Pré-Escolar, 29

(28) Ibid, 29

METODOLOGIA UTILIZADA

Não houve necessidade de apresentação do grupo, as turmas vinham juntas desde a 1a. série e nós tínhamos sido seus professores no ano anterior.

As discussões eram realizadas sempre com a classe toda junta.

O conteúdo era pré-determinado pelo rodizio de quadras entre os professores da escola.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA

Em não havendo um conhecimento do grupo, este é o aspecto que deverá iniciar o trabalho, tomando-se o cuidado para se criar um clima que permitisse a participação de todos.

Sugiro que as discussões sejam inicialmente feitas em grupos menores, pois, além de ajudar a organização, permite a participação de todos. Numa 2a. etapa, o resultado do pequeno grupo deverá ser trazido ao grupo maior.

Pelo conhecimento anterior e nível de trabalho que tínhamos com esse grupo poderíamos ter começado o trabalho pela escolha do conteúdo.

PROCESSOS

- Respeitar a capacidade que o aluno tem de aprender ativamente.
- Respeitar a idade e nível de maturação da criança.
- Agir de forma democrática.
- Descentralizar a figura do professor.
- Respeitar o conhecimento e a cultura da criança.
- Estabelecer conteúdos que tenham significado para as crianças.

ATIVIDADE 2

Jogo

SITUAÇÃO SURGIDA

Não conseguiram repartir as equipes e iniciar o jogo.

DP: Deu para jogar?

RC: Não.

DP: Porquê não?

RC: Ninguém se entendia, muita gente para escolher um time.

NS: Organização.

DP: O que precisamos fazer então?

RC: Falar um de cada vez, levantar a mão para falar, parar para ouvir o que o outro está falando.

NS: Respeito pela opinião de cada um.

RC: É preciso escolher a pessoa que escolherá o time.

NS: Capitão.

DP: De que forma escolheremos o capitão?

RC: Através de sorteio e passando um tempo, sortearemos outro.

NS: Não assumiram a responsabilidade pela escolha do capitão.

DP: Só o capitão deve escolher, todo o time?

RC: Não, senão ele escolhe só de quem ele gosta.

NS: Ter no time alguém que a criança goste, não só de quem o capitão gosta.

DP: Como devemos escolher então?

RC: Cada um que for escolhido escolhe outro.

METODOLOGIA UTILIZADA

A discussão foi feita em grande grupo. Decidiu-se que o sorteio do capitão seria feito através do no. de chamada. A cada 15 dias era realizado novo sorteio.

Cada um que fosse escolhido para o time, escolheria o próximo. Passamos a estar atentos à última criança a ser escolhida para ver se não era sempre a mesma. Nesta forma de escolha, isto só aconteceu com crianças que apresentavam problemas de relacionamento. Estas crianças eram trabalhadas de forma mais ampla, juntamente com a orientação educacional.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA

Utilização de grupos menores, pelos motivos já citados anteriormente, como também para utilização mais racional do tempo para discussões.

Questionamento sobre a utilização do sorteio para a escolha do capitão, tendo como base critérios do tipo: - O que é necessário para uma pessoa ser um capitão? Tentar desenvolver a responsabilidade na escolha.

PROCESSOS

- Organizar o conhecimento, processar informações.
- Utilizar positivamente as situações de conflito.
- Estimular o aluno a agir, refletir e criar.
- Avaliar continuamente o processo.
- Transpor a situação trabalhada em classe para a aula de Educação Física.
- Desenvolver a capacidade de resolver problema.
- Respeitar a linha de pensamento de cada criança.
- Dar importância para a responsabilidade que cada um tem na construção coletiva.
- Agir de forma democrática.
- Respeitar o interesse dos alunos.
- Desenvolver a capacidade de decisão.
- Desenvolver o assumir responsabilidade pelas escolhas feitas.

ATIVIDADE 3

Jogo

SITUAÇÃO SURGIDA

Jogaram de forma desorganizada e com muitas brigas.

DP: Foi gostoso jogar?

RC: Não.

NS: A falta de organização gerou brigas e causou uma situação de "stress" nas crianças, tirando o prazer de jogar.

DP: Porquê não foi gostoso jogar?

RC: Precisa alguém para organizar o jogo.

NS: Juiz.

DP: Quem será o juiz?

RC: O professor, porque ele conhece as regras.

NS: A regra é vista aqui como algo imposto por alguém e não como algo que deve ser compreendido por todos e que deve ser discutido.

METODOLOGIA UTILIZADA

Discussão em grande grupo. Organizamos as turmas a partir da escolha do capitão, sentando os alunos em fileiras com o capitão à frente (situação imposta pelos professores).

Enquanto dois times jogavam, outros dois brincavam com a bola, um professor observava o jogo e o outro a brincadeira.

Voltamos a jogar com um professor sendo juiz. Este apita o jogo sem explicar as regras ou o por quê tinha parado o jogo. Diz somente o que tinham que fazer para recomeçar o jogo.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA

Discussão em pequenos grupos, formados pelas equipes.

A colocação em fileiras, o capitão à frente são formas tradicionais de se organizar o grupo, que não permitem a exploração espacial da criança para poder organizar-se, assim como também atrapalha na identificação dos laços sociais e afetivos que aparecem em situações de maior naturalidade.

Ao invés de simplesmente observar a brincadeira, o professor deverá estimular a passagem para o estágio superior daquilo que está executando.

PROCESSOS

- Utilizar positivamente as situações de conflito
- Favorecer o auto-conhecimento.
- Desenvolver a capacidade de tomada de consciência de ação.
- Perceber a responsabilidade que cada um tem dentro do grupo.
- Preocupar-se com o processo e não com o produto.
- Utilizar proposta pedagógica, nem aquém nem além do nível de desenvolvimento da criança.

ATIVIDADE 4:

Jogo com professor apitando.

SITUAÇÃO SURGIDA

Por não compreender as regras, ficavam confusos quando o professor apitava.

DP: Só o juiz tem que saber as regras? Por quê?

RC: Não, porque os jogadores conhecendo também as regras sabem porque o juiz apitou, atendem rápido e o jogo fica mais organizado.

NS: Conhecer e entender as regras.

METODOLOGIA UTILIZADA

A partir deste momento passamos a apitar os jogos parando para explicar as regras às crianças.

A medida que os alunos aumentaram seus conhecimentos em relação às regras, passaram a apitar os jogos.

PROCESSOS

- Respeitar a capacidade que o aluno tem de aprender ativamente
- Utilizar conteúdos com significado para os alunos
- Descentralizar a figura do professor.

ATIVIDADE 5:

Jogo com explicação e discussão das regras.

SITUAÇÃO SURGIDA:

Passaram a demonstrar interesse em aprender regras.

DP: Porque existem regras?

RC: Para que o jogo não fique confuso e a gente possa jogar do mesmo jeito.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Ampliamos a discussão para os campeonatos; se não houvesse regras, como dois times que não se conheciam poderiam jogar?

MODIFICAÇÃO SUGERIDA:

Sugerimos não parar a discussão por aqui, mas sim ampliar a discussão do porquê existem tais regras? De que forma poderíamos modificá-las para alcançar outro resultado, para que os alunos possam interpretá-las mais profundamente e modificá-las, ampliando-as, reduzindo-as, etc... Isto criaria um momento muito rico do ponto de vista cognitivo.

PROCESSOS

- Estimular o aluno a agir, refletir e criar.

ATIVIDADE 6:

Jogo com as regras já aprendidas

SITUAÇÃO SURGIDA:

Com as regras aprendidas os jogos passaram a ser mais organizados e permitiu que as crianças apresentassem maior habilidade, exigindo mais de seus corpos. Começaram a reclamar de dor muscular.

DP: Por que alguns alunos têm sentido dor muscular após as aulas?

RC: Porque têm feito muito esforço no jogo.

DP: Precisamos diminuir o esforço, então?

RC: Alguns responderam que sim, outros que não.

NS: Os que responderam que sim em geral eram crianças que apresentavam alguma dificuldade motora e não falta de condição física, talvez fosse uma forma de poder adaptar o jogo à sua condição.

DP: Por que é preciso diminuir o esforço?

RC: Porque era difícil acompanhar o jogo.

NS: Adequar o jogo ao nível dos alunos.

DP: Por que não é preciso diminuir o esforço?

RC: O ritmo estava bom.

DP: O que faltava então?

RC: Crianças que já tinham uma cultura esportiva por participar de escolinhas responderam que faltava aquecimento.

NS: Aquecimento.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Sugerimos que nos detivéssemos na discussão sobre o aquecimento e que posteriormente trataríamos da questão do ritmo.

PROCESSOS:

- Respeitar a idade e nível de maturação da criança
- Respeitar o conhecimento e a cultura da criança.

B. Aperfeiçoamento

Enfocamos a continuidade do processo de discussão e a vivência para a autonomia, pelos conhecimentos adquiridos dos aspectos físicos, técnicos e táticos do handebol. O desenvolvimento moral e social continuaram sendo desenvolvidos pela metodologia utilizada.

O desenvolvimento físico, técnico e tático foi sempre de acordo com a capacidade e o nível de maturação da criança, havendo a preocupação de não ser fácil ou difícil demais de ser realizado para a manutenção da motivação.

ATIVIDADE 7:

Aquecimento

SITUAÇÃO SURTIDA:

Necessidade de Aquecimento.

DP: Para que serve o aquecimento?

RC: Para aquecer os músculos

DP: Como os músculos são aquecidos?

RC: Quando fazemos exercícios o coração bate mais forte.

NS: Conhecimentos sobre aquecimento cardio-vascular.

RC: Algumas crianças observaram que aquecimento era "chato" e que tomava muito tempo.

NS: Aproveitar o maior tempo com jogo provavelmente porque era a situação que mais lhes dava prazer.

NS: Sistematizar o tempo de aula.

DP: De que forma poderíamos aproveitar melhor o tempo?

RC: Depois de algumas ponderações ficou assim decidido:

5' organização inicial

10' aquecimento

10' jogo (2 equipes)

10' jogo (outras 2 equipes)

5' discussão final.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Em grande grupo iniciamos a discussão sobre o aquecimento com o funcionamento cardio-vascular, tentando buscar nas crianças conhecimentos que elas já possuíam mas não haviam organizado. Da mesma forma ampliamos a discussão para alongamento e aquecimento da musculatura utilizada.

Colocamos que poderíamos realizar o aquecimento cardíaco-vascular de forma recreativa utilizando jogos de pega-pega.

Discutimos com eles que se demorássemos menos tempo para a organização inicial, poderíamos usá-lo para o aquecimento.

ORS: Quando alguma situação de conflito surgia durante o jogo, criando um impasse, interrompiamos o jogo e discutíamos até podermos dar continuidade a ele. As discussões mais demoradas eram realizadas nos momentos finais da aula.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA:

Tentar desenvolver este conteúdo, de forma que fosse mais significativo, através de integração com a área de ciência, buscando um trabalho interdisciplinar ou, se não fosse possível, através de jogos que trariam mais prazer, ajudando assim a assimilação deste conhecimento.

PROCESSOS:

- Dar conhecimentos que favoreçam o desenvolvimento da autonomia para a prática de atividades físicas futuras.
- Respeitar a capacidade que o aluno tem em aprender ativamente.
- Respeitar o conhecimento e a cultura da criança.
- Respeitar os interesses das crianças.
- Ter preocupação com o processo e não com o produto.
- Desenvolver a capacidade de tomada de consciência da ação, colocando-se objetivos e organizando sua aprendizagem.
- Agir de forma democrática.

ATIVIDADE 8:

Aula com aquecimento e jogo.

SITUAÇÃO SURGIDA:

A medida que os jogos transcorriam com menor necessidade de interrupção, surgiram situações, onde só algumas crianças conseguiam pegar na bola, para a irritação e desânimo de outros, que começaram a reclamar junto aos professores, dizendo que o jogo estava chato ou que não queriam mais jogar.

DP: Por que o jogo estava ficando chato?

RC: Só os meninos e quem é bom pega na bola. As meninas lutam pela bola e só ficam atrás. Não adianta ir para a frente que os meninos não passam a bola.

NS: Todos tenham a mesma oportunidade de jogar. Generalizavam como se todos os meninos tivessem habilidade e como se todas as meninas tivessem facilidade.

DP: Por que só os meninos pegam a bola?

RC: Porque eles têm mais facilidade de lidar com a bola.

NS: Desenvolver a habilidade.

DP: Por que eles têm mais habilidade em lidar com a bola?
 RC: Porque eles jogam bola desde pequeno, mais futebol.
 NS: Mais contato com a bola.
 DP: Então, porque as meninas participam pouco, não lutando pela bola?
 RC: Porque têm dificuldade e não conseguem jogar bem.
 NS: Ter mais habilidade para poder participar melhor do jogo.
 DP: Por que os meninos não passam a bola quando as meninas vão para a frente?
 RC: Se os meninos passam a bola e as meninas não sabem jogar, perdemos a chance de fazer gol.
 DP: Todos os meninos são habilidosos e todas as meninas têm dificuldades?
 RC: Não, tem gente habilidosa e gente com dificuldade.
 NS: Perceber o preconceito que havia em relação à habilidade e dificuldade de meninos e meninas.
 DP: Se só os habilidosos pegarem a bola o que vai acontecer?
 RC: Os que não têm habilidade nunca vão aprender.
 NS: Todos tenham a mesma oportunidade de aprender.
 DP: Só o jogo resolve para aprender a jogar melhor?
 RC: Não, é preciso "treinar" também.
 NS: Necessidade em aprender a técnica de jogo.
 DP: Em que momento então, treinaremos a técnica dos movimentos?
 RC: Enquanto um time joga, o outro treina.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Discutimos essas questões enfocando dois aspectos: o das diferenças sociais (dentro da realidade vivida pelas crianças) e o da necessidade de aprender ou melhorar a técnica de certos movimentos.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA:

As diferenças surgidas na atuação durante o jogo, entre meninas e meninos, se colocadas numa discussão mais ampla do que a aqui apresentada, traria muitos desdobramentos a serem trabalhados. Poderia se realizar um trabalho conjunto com a orientação educacional, o que acarretaria um ganho no relacionamento social da classe.

PROCESSOS:

- Respeitar a capacidade que o aluno tem de aprender ativamente.
- Utilizar positivamente as situações de conflito.
- Favorecer o auto-conhecimento.
- Através de vivências individuais e coletivas perceber a responsabilidade que se tem dentro do grupo.
- Agir de forma democrática.
- Estimular o aluno a agir, refletir e criar.
- Objetivar o desenvolvimento integral do aluno.

ATIVIDADE 9:

Jogo

DP: Vocês vão jogar agora percebendo no que vocês mais têm dificuldade.
 RC: Controlar a bola, segurar a bola, passar a bola na mão do amigo.
 NS: Manipulação, recepção e passe de bola.
 DP: Que outros tipos de passes vocês são capazes de inventar?
 RC: As crianças criaram uma série de novos movimentos.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Trabalhamos estes fundamentos sempre em forma de atividades dinâmicas e pequenos jogos. Em momento nenhum utilizamos as monótonas seqüências pedagógicas.

Foi trabalhado o passe de ombro e com impulso, por julgarmos serem estes os mais adequados para a faixa etária.

A cada novo movimento surgido todos experimentavam, alguns passaram a ser utilizados, outros pela dificuldade ou por não se adaptar ao jogo foram abandonados.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA:

Só enfocamos movimentos com o corpo em posição alta, sugiro que se trabalhe com o corpo em várias posições para que se faça uma maior contribuição ao repertório motor da criança.

Poderíamos implementar a discussão e refletir com as crianças sobre cada gesto demonstrado.

PROCESSOS:

- Ter preocupação com o processo e não com o produto.
- Respeitar a idade e o nível de maturação da criança.
- Fazer a proposta nem aquém, nem além da capacidade da criança.
- Estimular o aluno a agir, refletir e criar.
- Descentralizar a figura do professor.

ATIVIDADE 10:

Jogo com utilização de passe e recepção.

SITUAÇÃO SURGIDA:

Com uma melhor utilização do passe o jogo tornou-se mais dinâmico e coletivo. Duas situações começaram a surgir com frequência, o time que tinha a posse de bola geralmente arremessava ao gol sem ser interrompido e geralmente não concretizava o ponto.

DP: Por que que, apesar de fazer o arremesso, não estamos conseguindo fazer o gol?

RC: Jogamos a bola em cima do goleiro.

NS: Direção do arremesso.

DP: Por que sempre conseguimos chegar ao gol sem ser interrompido?

RC: Não conseguimos tirar a bola do companheiro.

NS: Defesa individual.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Durante o jogo eram colocadas situações para favorecer o passe.

Ex: - Fazer "N" passes até chegar ao gol.

- Fazer "N" passes até chegar ao gol, não repetindo nenhum jogador.

Estas situações eram propostas com o jogo em movimento.

O arremesso foi trabalhado através de atividades dinâmicas e pequenos jogos, não tivemos preocupação com a performance técnica, mas sim em fazer com que a criança aprendesse a arremessar nos cantos, desviando do goleiro.

Utilizamos sempre jogos recreativos onde pelas regras que possuía a criança acabava vivenciando a defesa individual, de forma espontânea e pela busca do sucesso.

PROCESSOS:

- Ter preocupação com o processo e não com o produto.
- Respeitar a idade e o nível de maturação da criança.
- Fazer a proposta nem aquém, nem além da capacidade da criança.
- Desenvolver a capacidade de tomada de decisão.

ATIVIDADE 11:

Jogo com enfoque em defesa individual e arremesso ao gol.

SITUAÇÃO SURGIDA:

Quando chegamos a esse estágio, os times já tinham uma boa habilidade desenvolvida, os jogos eram bem dinâmicos, os passes, recepções e arremessos eram, dentro da expectativa, bem utilizados. A defesa era realizada de forma individual já não conseguia segurar o time adversário e o número de gols feitos aumentara muito.

DP: Por que estão acontecendo tantos gols?

RC: O time não tem defesa.

DP: Mas e a defesa que nós treinamos?

RC: Não essa, mas a de todo mundo junto.

NS: Necessidade de sistema de defesa.

DP: Quem mais é responsável pela defesa?

RC: O Goleiro.

DP: E tem jeito de melhorar a defesa do goleiro?

RC: Sim, treinando.

NS: Técnica de defesa do Goleiro.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Durante os jogos também eram propostas situações para favorecer o desenvolvimento da defesa individual e do arremesso.

Como sistema de defesa, estruturamos o time à frente da área de gol com os braços elevados. A preocupação primeira foi aprender a deslocar lateralmente em conjunto, um sempre preocupando-se em cobrir o espaço deixado por outro, de acordo com o movimento da bola. O mesmo fazíamos quando um jogador saía a frente em direção à bola. Com o tempo isso se tornou uma tática muito utilizada pelas crianças.

Com o goleiro trabalhamos três comportamentos básicos: deslocamentos, defesa alta e defesa baixa. A cada jogo propunhamos o rodízio de goleiro de forma direta.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA:

Poderíamos ter feito a reflexão com os alunos sobre o deslocamento do goleiro: - Por que o deslocamento deve ser feito assim? Passando a noção da necessidade de fechar o ângulo de entrada da bola, também analisar os movimentos que deveriam ser feitos para uma defesa alta e baixa e comparar esses movimentos. Foi um momento rico do ponto de vista cognitivo que perdemos por manter uma postura tradicional. Foi uma volta no processo.

PROCESSOS:

- Respeitar a idade e o nível de maturação da criança.
- Através de vivências individuais e coletivas, perceber a responsabilidade que cada um tem no grupo.
- Necessidade de respeitar a capacidade da criança aprender ativamente.

ATIVIDADE 12:

Jogo utilizando o sistema de defesa.

SITUAÇÃO SURGIDA:

Com a defesa mais "fechada" os tiros a gol ficaram mais difíceis de serem executados, exigindo dos jogadores uma adaptação à nova situação surgida.

DP: Após alguns minutos interrompimos o jogo e propunhamos que eles combinassem uma tática de defesa para neutralizar o ataque.

RC: Geralmente combinavam uma defesa tentando eliminar a ação de jogadores mais eficientes no ataque.

NS: Jogar de acordo com as características de ataque do time adversário.

DP: O mesmo fazíamos propondo que combinassem um jeito de vencer o sistema de defesa.

RC: Começaram a utilizar o tiro pelas laterais.

NS: Tanto na defesa como no ataque começaram a surgir características dos jogadores e a necessidade de serem utilizadas em jogadas.

DP: Todos jogam da mesma forma, tem a mesma habilidade?

RC: Não, cada um joga do seu jeito, cada um faz uma coisa melhor.

NS: Aproveitar a capacidade de cada um.

DP: Como poderíamos aproveitar bem isso?

RC: Colocando cada um na sua posição.

NS: Novamente aqui as crianças que praticavam esportes em escolinhas de esporte, trouxeram o conhecimento para o grupo, pois já tinham essa noção.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Discussão em pequenos grupos, analisando, comparando e tomando novas decisões de acordo com situações vividas.

Começamos a discussão de sistema de ataque a partir das características dos jogadores, sendo que as posições foram determinadas em conjunto. Deixamos que as crianças experimentassem e reformulassem. Depois de algum tempo, de uma forma geral, ficaram assim:

Armador (Centro Direita) = O mais habilidoso

Corta-Luz (Centro Esquerda) = O mais corpulento

Intermediários = Os que eram bons em defesa

Laterais = Os mais velozes.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA:

Através da vivência da construção do sistema de ataque, o mesmo foi feito, por iniciativa deles, com o sistema de defesa, ficando esta da seguinte forma:

Centrais = Os mais altos

Intermediários

Laterais = Os que deslocavam-se lateralmente com mais facilidade.

PROCESSOS:

- Através de vivências individuais e coletivas perceber a responsabilidade que têm dentro do grupo.
- Preocupar-se com o processo e não com o produto.
- Desenvolver a capacidade de tomada de consciência de ação, colocar-se objetivos e organizar sua aprendizagem.
- Desenvolver a capacidade de decisão.
- Estimular o aluno a agir, refletir e criar.
- Agir de forma democrática.
- Respeitar o conhecimento e a cultura da criança.

C. Campeonato:

O campeonato teve por objetivo a utilização dos conhecimentos aprendidos e a participação de todos.

Não foi uma boa decisão metodológica. Com a participação dos pais e amigos não conseguimos garantir a coerência com as regras combinadas. A pressão de um resultado a alcançar muitas vezes comprometeu a motivação.

Fica claro para mim que o festival, onde a participação é livre e não há pressão quanto a performance é muito mais adequado para o encerramento deste tipo de trabalho.

ATIVIDADE 13:

Discussão para entendimento do objetivo do campeonato.

SITUAÇÃO SURGIDA:

Para a tradicional "Festa da Primavera" precisamos elaborar uma atividade em que as 4as. séries participassem. Nós professores, optamos por um campeonato onde todos tivessem a oportunidade de participar.

DP: Teremos um campeonato. Para que serve um campeonato?

RC: Para ver qual é o melhor time.

NS: Apesar do processo do trabalho ser totalmente diferente, a idéia tradicional de um campeonato permaneceu.

DP: Qual é a importância no nosso trabalho de saber qual é o melhor time?

RC: Para saber quem aprendeu a jogar.

NS: Aplicar o que aprendeu.

DP: Vocês acham que num campeonato dá para mostrar o que cada um aprendeu?

RC: Sim, porque num campeonato a gente dá tudo para ganhar do outro time.

NS: Ser melhor que o outro.

DP: E se não houvesse outro time, o que aconteceria?

RC: Não daria para jogar.

NS: Do outro time.

DP: Então a gente joga "com" ou "contra" o outro time?

RC: Algumas crianças responderam "contra", outras "com".

NS: Criou-se um impasse.

DP: Quando jogamos pensamos em "acabar" com o outro time ou em fazer o melhor trabalho?

RC: Fazer o melhor trabalho.

NS: Trabalhar bem com a colaboração do outro time.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Discussão em grande grupo na sala de aula, para a utilização do quadro negro na explicação da estrutura do campeonato. (Em dias de chuva, também utilizávamos a sala de aula e aproveitávamos o momento para caminhar bem com as discussões).

Ao final das discussões, colocamos para as crianças que esse campeonato precisava da colaboração de cada um, tanto no sentido de fazer o melhor no momento do jogo, como em colaborar com o outro time jogando com ele.

Afirmamos que como era uma prática esportiva dentro da escola, nosso objetivo não era com o resultado, mas sim que todos tivessem a oportunidade de aplicar o que aprendeu.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA:

Ao optarmos inicialmente pelo campeonato, mantivemos ainda a nossa visão tradicionalista dentro da Educação Física. Não foi uma boa escolha. Os times que tiveram muitos fracassos tiveram sua motivação muito comprometida e a partir da 2a. fase o no. de participantes durante o jogo propriamente dito, ficou bastante diminuído.

O campeonato reforça a idéia da performance, do jogar "contra" o outro e não "com" o outro reduzindo muito as possibilidades do trabalho no campo social.

O encerramento deste trabalho em forma de festival onde não há a preocupação com o resultado e a possibilidade de participação de todos é realmente efetiva.

Numa atividade como o festival, a questão da colaboração ficaria muito mais clara, e evitaríamos a pressão da performance o que lhes traria muito mais prazer em participar.

ATIVIDADE 14:

Discussão para a organização do campeonato.

SITUAÇÃO SURGIDA:

Depois de discutirmos os objetivos do campeonato, tornava-se necessário organizá-los.

DP: O que precisamos fazer para organizar o campeonato?

RC: Repartir os times.

NS: Times.

DP: O que cada time precisa ter?

RC: Jogadores, Goleiros e Capitães.

NS: Distribuir funções nos times.

DP: Como deve ser um capitão?

RC: Não deve ser mandão, não pode perder a calma senão o time também perde; não precisa ser o mais habilidoso, precisa saber orientar o time.

NS: Um capitão que saiba manter a calma em momentos difíceis e de decisão, não precisando ser o mais habilidoso, porém tendo algum conhecimento, de forma que pudesse orientar o time.

DP: Como deve ser um bom goleiro?

RC: Tem que saber agarrar bem a bola, acompanhar a bola e não os jogadores; ser rápido.

NS: Habilidade em coordenação visio-motora e velocidade de reação.

DP: Como vamos escolher goleiro e capitão?

RC: Por votação.

NS: Assumir a responsabilidade pela escolha (diferente do que havia acontecido no começo do trabalho).

METODOLOGIA UTILIZADA:

Discussão em grande grupo.

Escrevemos todas as características por eles levantadas com relação ao capitão e ao goleiro no paredão, para que norteassem futuramente a sua escolha. (As características que aqui apresento foram as levantadas em maior número de vezes).

Foram votados 4 capitães e 4 goleiros. Ficou decidido que o capitão escolheria o goleiro, o goleiro um jogador, este o próximo e assim por diante até completar os times. E assim foi feito.

PROCESSOS:

- Através de vivências individuais e coletivas perceber a responsabilidade que cada um tem no grupo.
- Desenvolver a capacidade de tomada de consciência de ação, colocar-se objetivos e organizar a aprendizagem.
- Desenvolver a capacidade de decisão.
- Agir de forma democrática.
- Descentralizar a figura do professor.
- Favorecer o auto-conhecimento e a auto-estima.

ATIVIDADE 15:

Discussão para organização do campeonato.

SITUAÇÃO SURGIDA:

Tínhamos agora que determinar o sistema de jogos e qual time representaria a classe na 2a. fase.

DP: Com relação aos jogos, como deve ser o campeonato?

RC: Muitos jogos, não cair fora logo que perder.

NS: Ter bastante oportunidade de jogar.

DP: Que time representará a classe na próxima fase?

RC: O time que vencer, que fizer maior número de pontos.

NS: Vencer, aqui a performance torna-se importante.

DP: E os outros três times?

RC: Passam a torcer para a classe.

NS: Continuar a participar.

METODOLOGIA UTILIZADA:

Decidimos que todos jogariam contra todos e que a vitória valeria 3 pontos, empate 2 pontos e derrota 1 ponto. Nesta fase os jogos foram durante as aulas.

O time que vencesse representaria a classe no campeonato. Nesta fase os jogos foram à noite com torcida de pais e amigos e a final foi então na Festa da Primavera.

Ocorreram situações, nos jogos à noite, com relação à torcida, contraditórias ao trabalho que tínhamos desenvolvido. Apesar de discutirmos com as crianças a forma de torcer, levantando com eles regras comuns, não envolvemos os pais. Só pudemos resgatar o trabalho com a ajuda constante da orientação educacional que nos ajudou nas discussões, inclusive chamando pais a entrevistas.

MODIFICAÇÃO SUGERIDA:

Novamente aqui reforço a necessidade de mudança para o esquema do tipo de festival. Apesar dos processos cognitivo continuarem acontecendo, a vontade de vencer passou a ser mais importante, comprometendo, algumas vezes, a motivação.

Num trabalho como este, não podemos deixar os pais por fora do processo, porque às vezes, mesmo sem saber, podem estar desenvolvendo um trabalho exatamente contrário ao que fazemos. Há muitas formas de fazê-lo. O importante é que os pais sejam envolvidos.

PROCESSOS:

- Através de vivências individuais e coletivas, perceber a responsabilidade que cada um tem no grupo.
- Colocar-se objetivos.
- Forma democrática de ação.
- Transformar objetivos em objetivos de ação.
- Utilização positiva de situações de conflito.

D. Avaliação:

Um aspecto importante a ser relatado é a questão da avaliação. Possuíamos uma ficha de observação do aluno (Ver Anexo 1) onde íamos anotando o desenvolvimento motor e o sócio-afetivo de cada criança. Hoje ao realizar este trabalho, incluiria a observação do desenvolvimento cognitivo, isso seria fundamento para uma avaliação mais precisa e coerente com o processo.

Com essa ficha em mãos, discutíamos com os alunos sua atuação e juntos atribuíamos um conceito: bom, suficiente, não suficiente ou fraco. Após esse trabalho, eu e o professor Victor, discutíamos juntos o conceito dado para ver se nos parecia coerente, se não voltávamos a discutir o processo com a criança. Essa volta a discussão só foi necessária com um aluno. Os demais conceitos atribuídos foram coerentes ao trabalho realizado pelo aluno.

No item "processos" relatei alguns objetivos a serem alcançados em cada atividade. Alguns objetivos, porém, estiveram presentes nas três fases. São eles:

- a. respeitar a capacidade que a criança tem de aprender ativamente.
- b. utilizar positivamente as situações de conflito.

- c. ter a preocupação com o processo e não com o produto.
- d. respeitar a idade e o nível de maturação de cada criança.
- e. utilizar uma proposta pedagógica nem aquém, nem além do desenvolvimento da criança.
- f. transformar objetivos em objetivos de ação.
- g. objetivar o desenvolvimento integral da criança.

São objetivos que estão extremamente relacionados. Por hora, um é mais enfocado que o outro, porém, não há como separá-los em atividades distintas.

V - CONCLUSÃO

Foi uma experiência muito boa de viver. Lembro que me dava prazer. Cada vez que eu caminhava para a aula, conseguia perceber a olhos vivos, o processo caminhando. Podia sentir em nossas mãos algumas concretizações.

Ao escrevê-la minha alegria não foi menor. Pude revivê-la. Ainda posso lembrar dos rostos dos meus alunos, quantos deles expressavam vontade de participar! Enxergá-la à luz do construtivismo e do ensino aberto foi ainda melhor. Pude compreendê-la.

Procurei dar significância ao trabalho resgatando em uma experiência vivida formas de atuação do professor, que favorecessem a construção de pensamentos, movimentos e por que não dizer das emoções de nossos alunos. Acredito que esse relato vem ao encontro da necessidade de trocas de experiência entre professores de Educação Física.

Os problemas inicialmente apresentados foram resolvidos. A passividade dos alunos foi extinta, a participação ativa era uma constante nas aulas. A nossa atuação foi extremamente modificada, tornamo-nos mais democráticos, descentralizamos nossas atuações, nosso "poder" de decisão foi repartido com as crianças. A avaliação tornou-se um processo muito mais perceptível para os professores e para os alunos.

Continuando esta análise percebo que as atividades tiveram uma complexidade progressiva, exigiu dos alunos uma elaboração cada vez melhor. Inicialmente as situações surgidas eram caóticas, com o decorrer do processo, os grupos foram desenvolvendo uma melhor organização. A moral do grupo e as regras de convivência foram dinamicamente determinadas e de acordo com a necessidade das crianças, por isso raramente eram transgredidas.

As discussões propostas estavam sempre a um nível superior do estágio que as crianças se encontravam, conseqüentemente as respostas tornaram-se cada vez mais específicas.

Por falta de fundamentação na época, a metodologia foi o único item a sofrer uma regressão, justamente com a introdução do campeonato, pelos motivos já citados anteriormente. Por parte dos professores houve uma evolução, passamos a conduzir o processo de forma mais eficiente.

O respeito pela necessidade dos outros aumentou, revelando a saída do egocentrismo. As crianças expressavam suas necessidades de maneira mais assertiva. De forma moderada foi ocorrendo uma transferência das vivências individuais para as coletivas. Ao final, a autonomia das crianças era patente. Por muitas vezes conduziam as discussões por conta própria.

Após o campeonato fizemos uma avaliação escrita com os alunos, algumas de suas respostas merecem ser relatadas:

"Desse jeito a gente pensa mais"
"É mais divertido aprender jogando"
"Sabemos muito mais de handebol"
"Meninos e meninas se respeitam mais, brincam mais juntos"
"O campeonato foi justo, todos participaram"
"Quem era mais fraco, também teve chance".

Apesar deste tipo de trabalho exigir alguns momentos de discussão, a nível motor as aulas foram bastante intensas. Acho que por isto deve-se o fato de estarem jogando com alegria e de forma espontânea.

Para mim foi uma experiência de sucesso; acredito que por ela estar baseada em pressupostos construtivistas e de ensino aberto.

VII - BIBLIOGRAFIA

1. FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro; teoria e prática da Educação Física. São Paulo, Editora Scipione, 1989, 224 p.
2. _____ . O garoto da minha rua. São Paulo, 2 p. Mimeografado.
3. _____ . Uma proposta de Pedagogia do Movimento-I. São Paulo, Unicamp, 6 p. Mimeografado.
4. FREIRE, Silvana Venâncio. A prática e a consciência das regras; comparação entre dois métodos. Dissertação de mestrado, São Paulo, 1984.
5. HILDEBRANDT, Reiner e LANGING, Ralf. Concepções abertas no ensino da Educação Física. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1986. 142 p.
6. KAMII, Constance e DEVRIES, Rheta. A teoria de Piaget e a educação pré-escolar. Lisboa, Sociculture, 203 p.
7. KÄSLER, Horst. Handebol; del aprendizaje a la competencia. Buenos Aires, Editorial Kapelusz, 1976, 164 p.
8. KOLBERG, Lawrence e MAYER, Rochelle. Desenvolvimento como meta de educação. Harvard Educational Review, 1972, 54 p. Mimeografado.
9. MIZUKAMI, Maria da Graça N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo, E. P. V., 1986, 119 p.
10. PIAGET, Jean. O julgamento moral na criança. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977, 352 p.
11. SÃO PAULO. Secretaria do Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e normas Pedagógicas. Educação Física no Ciclo Básico. 1989, 55 p.